

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

BOLETIM DO MUSEU DO ÍNDIO

DOCUMENTAÇÃO

Nº 6

ABRIL, 1997

RELATÓRIOS DO ANTROPÓLOGO

DARCY RIBEIRO
1949/1950

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL

data 06, 08, 98

cod. K4D00011

Apresentação

Esta publicação faz parte de um conjunto de homenagens ao Professor Darcy Ribeiro, que estão sendo realizadas durante o ano de 1997 pelo Museu do Índio e diversas outras instituições.

O material publicado pertence ao acervo do Serviço de Arquivos do Museu do Índio e foi elaborado em 1949/50, quando Darcy Ribeiro exercia a função de etnólogo do Serviço de Proteção aos Índios. São dois relatórios: um de pesquisa de campo entre os índios Urubu-Kaapor e outro sobre a atuação da agência indigenista oficial no vale do rio Gurupi.

A decisão de publicá-los se dá não apenas em função de seu ineditismo, mas fundamentalmente pela importância que os dados neles contidos tiveram na trajetória política e intelectual do Professor Darcy.

Ninguém tem dúvidas quanto a sua importante contribuição no sentido de colocar a questão indígena na agenda política nacional, questionando as intervenções oficiais, assim como o fatalismo quanto à extinção dos índios.

Como antropólogo, os seus principais trabalhos - *Os Índios e a Civilização*, de 1970, e *Diários Índios - Os Urubu-Kaapor*, de 1996 - foram influenciados de maneira decisiva por experiências como as de 1949/50.

Essas viagens também originaram a constituição de um rico acervo etnográfico, resultado de trabalhos interdisciplinares, que possibilitaram a fundação do Museu do Índio, em 1953, de acordo com as mais modernas técnicas museográficas da época. O Museu do Índio foi outra das criações da inteligência e dinamismo do Professor Darcy.

José Carlos Levinho
Diretor do Museu do Índio

RELATÓRIO DE PESQUISAS

O plano de trabalhos da Seção de Estudos para 1949 incumbia-me de realizar uma pesquisa etnológica junto aos índios de língua Tupi denominados Urubu*, da margem maranhense do rio Gurupi.

O motivo que levou a Seção de Estudos a aprovar minha proposta de um estudo intensivo da vida social-cultural daquele grupo foi tratar-se de uma das maiores tribos Tupi e que menos contatos tivera com nossa civilização, oferecendo, por isto, amplas possibilidades de pesquisas etnológicas e lingüísticas.

Seu propósito era obter um *survey* sobre as condições de vida do grupo, que permitisse delinear um amplo programa de trabalho junto àqueles índios, a fim de obter uma descrição viva e pormenorizada de sua cultura material, vida social e religiosa que, atendendo à sua finalidade de promover o estudo da vida e costumes de nossos índios, contribuísse, também, para uma melhor compreensão do problema indígena brasileiro e servisse ao aprimoramento dos métodos assistenciais do Serviço de Proteção aos Índios-SPI. Para alcançar estes objetivos programou-se o estudo concomitante da língua falada por aqueles índios, trabalho que ficou a cargo do Sr. Max H. Boudin; da documentação sonográfica de seus cantos, música e outros elementos etnopsicológicos e lingüísticos, a ser realizada pelo lingüista e pelo etnólogo; bem como a documentação fotocinematográfica, de que foi encarregado o Sr. H. Foerthmann, devendo trabalhar sob a orientação do etnólogo.

Nota da Revisão. Obedecemos ao original, atualizando apenas a ortografia. Os termos indígenas foram atualizados conforme a grafia utilizada pelo autor em suas últimas publicações.

Agradecemos ao professor Adriano da Gama Kury, chefe do Setor de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa, por seus esclarecimentos.

* Urubu-Kaapor. Nome também utilizado pelo autor em publicações posteriores. (N. da Rev.)

Assim, a partida da equipe para o primeiro período de trabalhos de campo ficou marcada para a 2ª quinzena de julho ou primeira de agosto, a fim de alcançarem aquela região antes da estação chuvosa. À base de informações obtidas da 2ª Inspetoria Regional (I.R.2) sobre disponibilidades de transporte do próprio SPI, programamos partir de Viseu, na desembocadura do rio Gurupi, atingir os postos por água, em embarcação a motor e, a partir do P.I. Pedro Dantas, visitarmos as aldeias que ficam em terras banhadas por afluentes do Gurupi e Maracassumé, atingindo, ainda, se praticável, as aldeias do Turiaçu, através de uma marcha de 400 quilômetros, aldeia a aldeia através da mata. Neste caso sairíamos no posto Gonçalves Dias, regressando ao Rio via São Luís. Este itinerário permitiria a visita da maioria das aldeias urubu, principalmente das suas áreas principais de contato, no Gurupi, com os poucos índios Tembê e Timbira; no Maracassumé, com garimpeiros brancos e negros de Montes Áureos e Cheгатudinho; e no Turiaçu e Pindaré, com índios Guajajara.

Infelizmente, tivemos de lamentar mais uma vez os malfadados atrasos da verba de expedições científicas que, ao invés de sair em julho, somente chegou às nossas mãos em fins de outubro.

Tivemos de mudar os planos: sairíamos do Rio em novembro, portanto com três meses de atraso, e atingiríamos a região no “inverno” quando são impossíveis marchas prolongadas através da mata. Entramos em entendimentos com o Sr. Diretor do SPI e o Sr. Chefe da Seção de Estudos, mostrando ser impossível nosso regresso em dezembro, pois, se assim fizéssemos, a expedição não seria mais que uma leviandade, já que, contando com um cálculo muito otimista, chegaríamos às aldeias em princípios de dezembro e não poderíamos ficar mais que uma semana entre

os índios, para regressar ao Rio antes de 31 de dezembro.

Em vista destes impedimentos, estabeleceu-se novo plano, que ficou assim delineado:

- ao invés de permanecerem três meses no sertão, os técnicos ficariam seis, juntando o período de pesquisas de 1949 ao de 1950;
- para enfrentar as despesas deste período suplementar, receberiam um suprimento de trinta mil cruzeiros, no primeiro semestre de 1950. Deste modo se tornaria exequível a pesquisa e o único inconveniente era começar o estudo da comunidade pelo período das chuvas que deveria ser o último e que o trabalho cinefotográfico, bem como o sonográfico, se faria com uma margem de riscos muito maior.

A EXPEDIÇÃO

Partimos do Rio de Janeiro a 5 de novembro, rumo a Belém. Ali permanecemos 10 dias, fazendo compras de alimentos, brindes, equipamentos de campanha, preparando a viagem e aguardando o cinematografista que ultimava o preparo do material para a expedição. Seguimos a 16 para Bragança, no caminhão da I.R.2 e de lá para Viseu a 18, na lancha "Gurupi", que faz aquela linha.

Em Viseu estivemos 20 dias aguardando um motor de popa que a I.R.2 ficou de mandar. Este motor havia sido solicitado com seis meses de antecedência e era muito necessário porque nos pouparia 15 dias de viagem a remo, rio acima, quando nossa principal preocupação era atingir as aldeias antes das fortes chuvaradas de dezembro que enchem todos os igarapés, tornando a viagem por terra quase impraticável, e porque, levando conosco uma carga avaliada em mais de duzentos contos, precisávamos de embarcações

que oferecessem o máximo de segurança.

Não obstante os reiterados telegramas que passamos àquela Chefia e à Diretoria do SPI, depois de vinte dias de espera inútil resolvemos subir como fosse possível. Alugamos uma pequena lancha a motor para fazer uma terça parte do percurso, até Camiranga; daí em diante viajamos num batelão a remo, até o posto Pedro Dantas, que só alcançamos a 18 de dezembro.

Durante a subida do rio, nos pousos onde dormíamos ou preparávamos as refeições ou, ainda, dávamos descanso aos remeiros, pudemos colher algum documentário sobre a população local.

O vale do rio Gurupi é conhecido por suas lavras de ouro que, intermitentemente, atraem muitos garimpeiros em verdadeiros *rushes*, formando do dia para a noite grandes concentrações humanas que logo se desfazem com o esgotamento dos “barrancos”. O principal característico deste vale do ouro é sua pobreza, manifesta nas igrejinhas de palha, nos casebres imundos dos moradores, no aspeto da população subnutrida e martirizada pelas inúmeras doenças epidêmicas. Conforme os estudos procedidos em...* pelo Dr. José de Araújo Lima, a porcentagem de malariosos era de...* e não parece ter melhorado em nada, até ao contrário, porque naquela época gozavam de uma situação econômica melhor, pois os *placer* de ouro estavam sendo explorados. Mas nosso interesse aqui é somente frisar a pobreza cultural desta gente que tem contato com os índios e aos quais eles são chamados a imitar. Compreendendo por civilização o conjunto de técnicas das sociedades industriais modernas, aquela população tem tanto de civilizada quanto a indígena.

* Assim no original.

Aliás, tivemos ocasião de observar que seu equipamento cultural é, no essencial, idêntico ao dos índios: através de técnicas indígenas é que se encastoram naquelas barrancas procurando tirar delas a subsistência. Vimos negros caçando e pescando com arcos e flechas adquiridos aos índios, emigrantes estrangeiros (sírios, portugueses, um inglês e um húngaro) tendo como alimentação básica a farinha de mandioca puba espremida no tipiti indígena; as casas de pau-a-pique barreado cobertas de palhas de pindó ou açai são as mesmas que as atuais habitações indígenas; suas poucas roupas, os pés descalços, o ventre inchado de verminose, a malária, a tuberculose, a avitaminose, são também igualmente participadas.

Nos dois dias que passamos na comunidade negra de Camiranga, onde vivem os remanescentes de quilombos maranhenses reunidos depois da libertação da escravidão, pudemos observar como também estes negros, embora tendo um intenso convívio comunal que já vem dos quilombos, tiveram de apreender as técnicas indígenas para sobreviver na floresta tropical. Até nas manifestações religiosas, em que os afro-brasileiros se mostram tão conservadores, encontramos no Gurupi um sincretismo para o qual contribuiu mais o indígena que o católico; ao invés das macumbas, dos pais-de-santo, o que deparamos sempre foram pajelanças em que pajés negros cantavam e invocavam, como os índios, crenças bem aborígenes. O seu mapa mítico do rio, se um dia fosse traçado, com os lugares encantados onde um monstro foi preso e dominado, ou onde aparecem o “curupira” e a “mãe d’água”, seria o mesmo dos índios. Somente na música os negros do Gurupi conservam mais seu patrimônio cultural africano; mas, mesmo aí, o maracá tem um ritmo e uma independência bem indígena.

O que mais distingue o neobrasileiro do índio

(Tembé e Timbira) do Gurupi é o preconceito do primeiro, que considera o índio como “selvagem”, “bruto” e “ignorante”; ponto de vista que muitas vezes os índios adotam, no estado de destribalização e de miséria em que se encontram, procurando assemelhar-se ao “cristão” como a um modelo ideal, considerando tudo que lhe é próprio como estigmatizante. E também a dependência em que vive o índio, sujeito à autoridade às vezes despótica do encarregado que, para não deixá-lo explorar pelos outros, tira-lhe muitas das oportunidades de conseguir o que precisa. Adiante trataremos mais pormenorizadamente desta questão.

Já em Camiranga tivemos conhecimento de novos percalços que dificultariam mais ainda nosso trabalho. Encontramos dois índios Urubu de um grande grupo deles que fora a Belém pedir ferramentas. Vinham atacados de sarampo, alguns de seus companheiros morreram na viagem, outros tinham seguido diretamente para as aldeias. No posto, dias depois, começaram a chegar as notícias da epidemia, aldeia após aldeia era atacada. Os índios fugindo à peste acoitavam-se na mata ou iam para outras aldeias levando consigo a doença que se ia alastrando cada vez mais.

Comunicamos logo à Inspetoria e à Diretoria pedindo recursos para atender aos doentes. Estes, infelizmente, chegaram dois meses depois e não eram mais que uma caixa com cem ampolas de penicilina (100.000 unidades cada); como o posto não tinha aparelho de injeção, somente contávamos com o único que levamos, que já vinha servindo para aplicar os remédios de nossa própria farmácia de emergência.

Depois de alguns dias no posto, que aproveitamos para estudar a terminologia de parentesco tembé e timbira e observar suas condições de vida, decidimos visitar as aldeias para atender diretamente aos índios e verificar em

qual delas havia condições de trabalho.

O Sr. H. Foerthmann foi à aldeia do Piahú, eu subi o rio numa viagem de três dias a remo, para o P.I. Felipe Camarão; de lá, a pé, através da mata, andando de aldeia a aldeia, voltei vinte dias depois ao P.I. Pedro Dantas.

O cinematografista encontrara deserta a aldeia visitada por ele, os índios escondidos na mata, vivendo em tapiris, quase todos atacados pelo sarampo e pelas doenças que costumam seguir-se a ele: terçol, pneumonia, gripe, infecções intestinais e outras.

Na região percorrida por mim a situação era a mesma. Do posto Felipe Camarão visitei a aldeia tembé-urubu de Ben e a aldeia urubu de Koaxipurú, ambas atacadas pela epidemia, desertas, os índios na mata, fugindo ao sarampo e já atacados por ele. Daí seguimos para a aldeia de Major, cujo capitão encontráramos doente em Camiranga e que não havia regressado. Também aí todos doentes, na mata, e o mais deplorável é que morriam já não da doença, mas de fome. Suas enormes roças de mandioca por que passáramos de nada lhes serviam. Não havia qualquer pessoa capaz de andar e fazer farinha, mesmo água lhes faltava e, sem forças para armar tapiris, muitos ardiam de febre ao relento, sob a chuva, em redes imundas. Crianças abandonadas ao chão comiam terra, queimavam-se ao fogo que se esforçavam por manter aceso debaixo da rede dos pais. Aí ficamos dois dias ajudando-os no que podíamos: fazendo mingau de bananas verdes, para os sãos, cozinhando sopas pré-fabricadas para os mais doentes, ajeitando os tapiris, fazendo fogo e apanhando água para eles.

Na aldeia seguinte a situação era um pouco melhor, a epidemia estava em declínio, convalesciam e lamentavam os mortos em ranchos armados na clareira preparada para uma nova roça. Mas todos tinham terçol e

nosso colírio acabara dias antes, nem limão havia com que atendê-los. Distribuímos brindes, fizemos algumas trocas e partimos dois dias depois, para a aldeia de Anauahu [lanawakú].

Esta ainda não tinha sido atacada, os moradores aterrorizados não deixaram os índios que vinham encarregados de nossa bagagem entrarem na aldeia, com medo do contágio. Mandei-os para o posto e fiquei com um cozinheiro e intérprete. Era uma felicidade encontrar, afinal, gente sadia com toda a sua alegria de viver, embora cheios de terror e desconfiança. Aí pudemos aproveitar o tempo para nossos estudos; mas as chuvas aumentavam e era preciso utilizar o material cinematográfico antes que a umidade o estragasse. Assim, depois de uma semana voltamos para o posto. Então, os índios é que não queriam deixar-nos ir, apegavam-se a nós porque estavam cheios de fé na caixa de medicamentos que levávamos; sem ela temiam ser atacados pelo sarampo e morrer.

No posto decidimos procurar uma aldeia que já tivesse sido atacada pela epidemia e estivessem em convalescença. Não queríamos correr o risco de procurar gente sadia e levar-lhes a doença, através dos carregadores, todos índios e sempre sujeitos a ela. Mesmo porque a povoação do posto estava toda doente e na mesma miséria que encontráramos nas aldeias; não estavam em tapiris, mas os seus casebres arreados pelas chuvas sem que os donos, todos doentes, pudessem consertá-los, não ofereciam qualquer abrigo. E como muitos índios Urubu se haviam deslocado para o posto procurando auxílio, a situação se agravara. Vimos índios morrerem no posto em casas inundadas que eram verdadeiras poças d' água.

O mais grave é que também no posto a fome matava tanto quanto a doença; no ano anterior não fizeram roças; os trabalhadores compravam farinha do encarregado

que a mandava trazer do Gurupi e não havia quem caçasse ou pescasse.

Dias depois, quando pudemos contar com alguns homens capazes de levar a carga, fomos para a aldeia do Capitão Piahú, já num esforço de desespero, procurando utilizar o filme e fazer nossos estudos, em quaisquer condições.

Estivemos dois meses naquela aldeia; as primeiras semanas foram de preparativos. Inicialmente devíamos atrair os índios para a aldeia abandonada que eles não queriam rever, onde estavam enterrados muitos de seus parentes e tudo lhes parecia macabro. Aos poucos foram retomando o antigo ritmo de vida, chegavam em grupos, por família, alojando-se todos na casa grande do capitão. As outras casas foram ocupadas para depósito de material, morada de trabalhadores e cozinha; eu fiquei com os índios no barracão.

Era preciso curá-los das remeieiras, das disenterias e da pneumonia antes de iniciar a filmagem e nos afundamos neste trabalho. Duas semanas depois, já bem restabelecidos, prestaram-se melhor a nossos estudos e à documentação fotográfica. Assim que voltaram à rotina, à fabricação de farinha, às caçadas e pescarias, iniciamos a filmagem.

O plano de registro cinematográfico, embora muito modesto, teve de ser simplificado várias vezes pela premência de tempo e das condições. Afinal nos contentamos em focalizar um casal e seu filho, mostrando-os nas atividades cotidianas do grupo, a luta pela subsistência e a fabricação de seus principais artefatos.

O documentário fotográfico foi mais rico, porém, também ele sofreu com as condições de vida dos índios e o clima adverso, por isto nem foi possível fazer um documentário em cores de seus adornos plumários.

Nossos estudos, obviamente, foram influenciados por estes percalços. Só ao fim pudemos observar o índio Urubu em sua vida de todo dia com esta alegria de viver tão característica deles.

Nas primeiras semanas não eram mais que um magote de pessoas informes, castigadas pelos sofrimentos e penúrias mais atrozes, aos quais muito pouco podíamos ajudar. Reunidos numa só casa, convivendo com moribundos que gemiam dia e noite, alimentados por uma aldeia vizinha que fora menos atingida, mas já se cansara de ajudá-los, estavam todos atordoados.

Foi, contudo, uma oportunidade de observar como uma sociedade simples enfrenta uma situação traumática e desesperada. Vimos muitas vezes, no meio de noites intermináveis, cheias de gemidos e clamores, mães moribundas arrojarem ao chão filhos que procuravam amamentar, pais ardendo em febre que castigavam desesperadamente os filhos, também doentes, para obrigá-los a manter o fogo aceso sob suas redes.

Mas, à medida que convaleciam, cooperavam conosco, esforçando-se para fazer o que desejávamos. Assim, pudemos, graças a esta infinita boa vontade do índio e sua capacidade incomparável de enfrentar situações desesperadas, realizar nossos trabalhos.

Quando quisemos regressar, outra dificuldade apresentou-se: o caminho pelo qual atingimos a aldeia com toda a carga que a documentação cinematográfica exigia, estava fechado pelas águas. Enormes trechos foram inundados pelos igarapés e um trabalhador que mandamos ir adiante, para ver como estava a estrada, teve de andar centenas de metros com água pelos ombros, às vezes até nadando. Era impossível nestas condições voltar a pé com uma carga tão suscetível de alterar-se com a umidade.

Fizemos, então, sair um grupo de homens em pequenas embarcações com machados e serrotes para tentarem a subida de um igarapé que passava a cinco quilômetros e nunca tinha sido navegado. Através de cinco dias, derrubando tronqueiras e experimentando cada um de dezenas de furos em que o riachinho se multiplicou com as chuvas, encontraram a clareira que tínhamos aberto na margem.

Do posto Pedro Dantas o Sr. H. Foerthmann regressou em meados de março. O Sr. Max H. Boudin e eu continuamos. Devíamos terminar o estudo dos Tembê e Timbira e, ainda, concluir as gravações. Mas com as chuvas constantes este trabalho foi dificultado, não podendo completar-se, razão porque um mês depois regressávamos também.

Tínhamos saído do Rio cinco meses e meio antes e as enchentes já não permitiam o acesso às aldeias, sendo desnecessário pois a permanência de mais 15 dias para completar os seis meses programados.

Como o motor da I.R.2 em que descera o Sr. H. Foerthmann (e que chegara um mês antes) tinha quebrado depois de algumas horas de viagem, obrigando-o a descer ao sabor da correnteza, tivemos de voltar a remo até Viseu, daí atingimos Bragança em batelão a motor; lá nos esperava o caminhão da Inspetoria que nos levou a Belém.

Mais uma vez o atraso das verbas da Seção de Estudos deixara-nos em situação difícil. Embora saíssemos em fins de abril não havia notícia da verba com que devíamos contar para o regresso. (E, ainda hoje, 22 de maio, a verba não saiu). Tive, por esta razão, de servir-me de amigos e fazer mandar do Rio de Janeiro a importância de Cr\$7.500,00 (sete mil e quinhentos cruzeiros) com que pude regressar, saldando as despesas com diaristas, alimentação

e transporte efetuadas nos meses anteriores, em 1950.

RESULTADOS CIENTÍFICOS

Os principais resultados desta viagem, além de um conhecimento direto das condições de vida dos índios e das vias de acesso às suas aldeias, que nos permitirá lançar as bases do plano de pesquisas a realizar no próximo ano, foram os seguintes:

- 1) Estudos do sistema familiar e da terminologia de parentesco dos índios Tembé;
- 2) Terminologia de parentesco dos índios Krê-yê (ou Timbira) do Gurupi;
- 3) Coleção de artefatos, compreendendo cerâmica, armas de guerra e caça, implementos de transporte, pesca, etc., e um conjunto de adornos plumários;
- 4) Coleção de fotografias que documentam as principais cerimônias, técnicas e padrões de comportamento urubu;
- 5) Um filme sobre a vida cotidiana dos índios Urubu dando mais ênfase ao complexo da mandioca, fabricação de flechas e à rotina diária;
- 6) Anotação para um estudo da cultura material urubu;
- 7) Elementos para o estudo da adaptação ecológica e do sistema adaptativo urubu;
- 8) Informações para o estudo do sistema familiar e da terminologia de parentesco urubu;
- 9) Elementos para o estudo da organização social, sucessão hereditária do tuxaua e cacique, através de uma genealogia, que abrange mais de 1.000 pessoas e remonta a meados do século XVIII, determinando os nomes, interparentescos e lugar de nascimento e morte;
- 10) Histórico dos movimentos espaciais da tribo desde 1800

- e do seu contato com os brancos, negros e outros índios;
- 11) Indicações que servirão de base a estudos posteriores sobre a mitologia e a religião dos índios Urubu;
 - 12) Material para o preparo de um *survey* sobre as condições de pesquisa antropológica na bacia do rio Gurupi.

Todos estes dados deverão ser organizados no corrente ano para, à base deles, prosseguir-se as pesquisas junto aos índios, em meados de 1951. Então o etnólogo deverá passar quatro meses, preferivelmente de maio a agosto, nas aldeias.

Para este novo trabalho de campo será conveniente partir de São Luís para o P.I. Gonçalves Dias e dali às aldeias dos rios Turiaçu e Pindaré, donde se seguiria através do divisor d'águas com o Gurupi para o P.I. Pedro Dantas, regressando pelo Pará.

Este itinerário permitiria a visita às aldeias que não puderam ser alcançadas na última pesquisa, e que são as maiores e mais isoladas, e o conhecimento de outra área de contatos dos Urubu com estranhos, qual seja a do Turiaçu, onde têm contatos intermitentes com os Guajajara e a rala população neobrasileira local. E se perfaria mais um período, ficando por fazer apenas os meses de setembro a dezembro a fim de se completar a observação da vida dos índios em todas as estações do ano, como foi programado.

QUARENTA ANOS DE ATIVIDADES DO SERVIÇO DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS NO VALE DO RIO GURUPI

Uma das atribuições dos etnólogos da Seção de Estudos do SPI é apresentar relatórios confidenciais à Diretoria, após cada pesquisa de campo, sobre a atuação do Serviço na área visitada, tendo em vista o acerto de orientações para uma melhor assistência aos índios. Isto é o que tentaremos fazer adiante.

POPULAÇÃO INDÍGENA DO GURUPI

São muito precários os dados disponíveis sobre a população indígena do Gurupi, sobretudo os atinentes a seu número e distribuição nos últimos séculos.

Sabe-se por referências ligeiras na correspondência do Pe. Antônio Vieira [*Apud* LEITE, 1943] e alhures que os jesuítas mantiveram duas missões naquele vale [índios Tobajara] sobre os quais não há pormenores.

Os dados posteriores são já dos fins do século XIX e se devem a Gustavo Dodt que subiu todo o rio em 1872 fazendo seu levantamento topográfico como a nova fronteira entre Maranhão e Pará [DODT, 1939]; e a M. Arrojado Lisboa, que ali esteve em 1895, comissionado por particulares para fazer estudos das jazidas de ouro [LISBOA, 1935].

Mais recentemente, em 1920, subiu o rio Gurupi o Dr. Jorge Hurley em missão do Governo do Pará [HURLEY, 1928].

Em 1930, o Sr. Raimundo Lopes, do Museu Nacional, esteve nos postos indígenas do Gurupi estudando

os Temb e e Urubu, a cargo da referida institui o [LOPES, 1934].

Finalmente, em 1934/1935 uma comissão técnica do Serviço Geológico e do Serviço de Fomento da Produ o Mineral fez novo levantamento do rio e estudos geológicos e sociais, dos quais oferecem particular interesse os de Glycon de Paiva [PAIVA, 1937] e Pedro de Moura [MOURA, 1936] quanto às notícias da popula o indígena do rio.

De todos estes informantes o mais preciso e que melhor observou a popula o indígena foi, indubitavelmente, Gustavo Dodt, que nos deixou um retrato vivo de suas condi es de vida e notícias sobre seus costumes que só podem ser comparados aos trabalhos recentes do Sr. Raimundo Lopes.

A popula o indígena atual do Gurupi consiste de três tribos. São os Urubu e Temb  da fala Tupi e os Timbira, lingüisticamente filiados aos G .

Estas tribos parecem ter conflu do para o Gurupi fugindo   expansão de nossa sociedade que já atingia seus antigos territórios. Este   o caso dos Timbira, expulsos pelos criadores de gado que procuravam os campos de Imperatriz, em Goiás, e por outros índios para lá arrojados pelas mesmas forças.

Os Temb , provavelmente, começaram a concentrar-se no Gurupi em começos do século XIX, vindos do Pindaré, e os Urubu em meados do mesmo século, vindos do Acar  e Capim, ambos fugindo   invasão que os brancos vinham fazendo de seus territórios.

Quando Dodt os observou (1872) os Urubu ainda não tinham atravessado o rio para a margem maranhense onde hoje se encontram. Os Temb  demoravam entre as cabeceiras do rio Cajuapura e rio Uruaim, desde as

barrancas do rio Gurupi até o rio Pindaré, de um lado, e o rio Capim, do outro. Os Timbira viviam acima do rio Cajuapura.

Além destes índios, ele cita os Amanayé que viviam entre os Tembé e os Timbira no alto Gurupi, hostilizados por ambos e pelos brancos, que abandonaram aquela região pouco depois, indo para o alto Capim.

Dodt fala ainda dos Guajá descrevendo-os como índios que “andam foragidos em bandos pequenos, de 1 a 4 casais”, perseguidos por outras tribos.

Hoje se encontram na mesma situação, vivem entre o Gurupi e o Pindaré, em pequenos grupos, sempre perseguidos pelos Urubu. Consta que têm tido contatos intermitentes com os postos do Maranhão, mas não se aproximam por terror à perseguição dos outros índios.

Dos “Guajajara” que encontrou já em decadência e reduzidos a umas trinta pessoas, na Colônia Militar, não existe mais nenhum.

Segundo os cálculos de Dodt, os Tembé seriam 9.000 pessoas, 6.000 das quais vivendo em águas do Gurupi; os Timbira perfaziam umas oitenta famílias, ou 400 a 500 almas; os Amanayé, de 300 a 400 distribuídos em três malocas; dos Guajá ele apenas adianta que o seu número era limitado.

Encontramos dados numéricos, posteriormente, só nas notas do recenseamento de 1920; então, os Tembé estavam reduzidos a um milhar apenas, os Timbira à metade. Atualmente todos os Tembé do Gurupi somam menos de 70 pessoas e dos antigos Timbira (Krê-yê) restam apenas 10.

Desde o começo do século esta redução da população indígena vem se acentuando; é sobretudo notável, a partir de 1910, quando a população civilizada também começou a abandonar o rio, em virtude da crise da indústria

extrativa e dos ataques Urubu que, até 1928, constituíram séria ameaça.

As aldeias também que Dodt e A. Lisboa viram tão numerosas e cheias de gente, dizimadas pelas epidemias, se estiolavam; periodicamente os restos de várias delas se reuniam numa só; anos depois, quase extinta, se juntava a outras, tentando sempre manter um grupo suficientemente grande para permitir uma economia comunal e certa vida social. Assim foram desaparecendo até se reduzirem, no presente, a três agrupamentos de vinte pessoas cada um, sendo que em dois deles vivem em comum com índios Timbira e negros.

Os dados que colhemos nos arquivos dos postos e com velhos moradores do Gurupi indicam a seguinte marcha na desintegração dos Tembê, desde que o SPI trabalha junto a eles. Em 1910 eram 26 as aldeias tembê do rio Gurupi, em 1915 se haviam reduzido a 21, em 1920 a 14, em 1930 a 11, em 1935 a 4 e em 1950 a 3 apenas.

Com os Timbira ocorreu o mesmo: à medida que o alto Gurupi foi sendo abandonado pelos regatões e logo depois de criado o P.I. Felipe Camarão eles foram descendo o rio à procura de contatos que lhes permitissem suprir suas necessidades de sal, roupas, ferramentas e remédios. Da aldeia de Sapucaia - onde no começo do século, embora decadentes, conservavam sua vida tribal e eram numerosos (400 a 500) - desceram para o Araparitiua, onde moravam com um regatão; dali para Mangueira, quando aquele comerciante abandonou Araparitiua. De Mangueira, onde também moravam com cristãos, foram para o Felipe Camarão e, depois da transferência de seu encarregado, para Soldado, de onde, presentemente, começam a deslocar-se para o P.I. Pedro Dantas.

Os Amanayé afastaram-se do Gurupi, rumo ao

Capim, alcançando até o rio Tocantins. Dos Guajá apenas se sabe que continuam vivendo nas matas, embora sempre perseguidos por todos.

Resta, pois, no rio Gurupi, apenas uma tribo, os Urubu; terrivelmente debilitada depois da pacificação, tem pago um alto preço pelo convívio pacífico com os brancos. Era avaliada depois da pacificação em seis a oito mil pessoas, cálculos gratuitos, sem uma base segura. Em 1935, o SPI os estimava em três mil; já o recenseamento de 1943 nos fala de pouco mais de 1.000 e nossas observações em suas aldeias não nos autorizam a subscrever esta avaliação; serão talvez a metade, dizimados que foram pelas novas doenças que adquiriram ao contato com os brancos, sobretudo a gripe e em virtude da desorganização de sua vida tribal, decorrente da pacificação.

ASSISTÊNCIA OFICIAL

A assistência oficial aos índios do Gurupi iniciou-se com as Diretorias de Índios criadas pelo Decreto nº 246, de 24 de julho de 1845.

É ainda Dodt que nos dá notícia dos primeiros diretores: eram regatões que viviam do comércio com os índios Tembê e Timbira, trocando artigos de nosso mercado por drogas do sertão. A referência é elogiosa e frisa os esforços destes pioneiros para impedir que os índios fossem levados às matas, no trabalho de extração da borracha, abuta, copaíba e madeiras de lei, no período de plantio de suas roças.

Descreve também a miserável condição de vida daqueles índios, a exploração de que eram vítimas, por parte dos regatões, de resto outros miseráveis, por sua vez extorquidos pelos fornecedores. Nos anos seguintes à visita

de Dodt a indústria extrativa foi sendo abandonada em virtude da redução da população indígena, da crise da borracha, da extinção das copaibeiras e do aparecimento dos guerreiros Urubu que expulsaram os últimos regatões. E esta economia não foi substituída por nenhuma outra; ainda hoje é através dela que os índios conseguem satisfazer algumas de suas necessidades e sob as mesmas condições escorchantes do tempo de Dodt.

O Serviço de Proteção aos Índios fundou no rio Gurupi um de seus primeiros postos, o P.I. Felipe Camarão, criado em 1910 sob a direção do Cap. Pedro Dantas para pacificar os índios Urubu que, então, constituíam um sério problema para a população local aterrorizada por seus ataques. Sobretudo as ondas de garimpeiros que invadiam a região explorando ouro e cujos acampamentos, próximos ao território dominado pelos índios, eram constantemente atacados. Naquela ocasião era tamanho o pânico em que a população vivia que, em Itamoari, Camiranga e outros núcleos pequenos ribeirinhos que serviam de entrepostos para as minas, eram mantidas sentinelas dia e noite e ninguém se afastava das casas depois de anoitecer ou antes de dia claro e, na enorme área dominada pelos índios, paralisara-se toda atividade agrícola.

Fracassando na tentativa de pacificar os Urubu, o posto dedicou-se aos Tembé, procurando concentrá-los numa grande aldeia. Posteriormente estendeu suas atividades também aos Timbira que foram estabelecendo-se um pouco acima, pela impossibilidade de convivência com os Tembé, seus tradicionais inimigos.

Em 1927, com o recrudescimento dos ataques Urubu aos garimpeiros e, sobretudo, aos poucos regatões que ainda exploravam produtos naturais das florestas, o SPI, com o fim de pacificá-los, cria o P.I. Canindó, depois chamado

Pedro Dantas, localizado numa passagem comum dos índios no rio Gurupi. Logo depois é criado outro posto, o Maracassumé, no rio deste nome, que tentaria atrair os índios em outra zona que costumavam percorrer e onde atacavam aos mineiros. Ao primeiro coube a pacificação em fins de 1928.

Desde então, iniciou-se nova fase nas atividades do SPI em toda a área, agora livre de seu grande obstáculo, mas a indústria extrativa nunca se refez. Os postos, depois de anos de intensa atividade em que recebiam imensas quantidades de brindes para os Urubu, sobrando um pouco para os Tembé e Timbira, passaram, como todo o Serviço, na fase de 1930 a 1940, a abandono. O pessoal foi reduzido e a assistência aos índios tornava-se cada vez mais precária. Ultimamente o posto Maracassumé, já sem função porque não era procurado pelos índios, foi extinto; agora se fala na extinção do P.I. Felipe Camarão que está praticamente abandonado desde 1946, quando morreu seu encarregado.

O período de 1930 a 1940 foi um dos mais difíceis também naquela área; muitas concessões tiveram que ser feitas para conseguir um mínimo com que atender às exigências dos Urubu, então ainda temidos. O maior esforço nesta quadra coube ao Sr. Miguel Silva, que já fora um dos principais fatores da pacificação, com sua longa experiência de encarregado do P.I. Felipe Camarão desde que foi fundado. Então deslocou-se para o seu posto o centro de atração dos índios; lá chegaram a viver quatrocentos índios Tembé, cujo trabalho agrícola e extrativo permitia ao encarregado assistir aos Urubu que às vezes passavam meses com ele. Em 1945, quando os postos do Gurupi ficaram a cargo do inspetor Raimundo Nonato Miranda, o Sr. Miguel Silva, que se indisputara com ele, foi transferido para o posto Maracassumé onde morreu, recebendo do Serviço muitas homenagens que não chegaram, contudo, a salvar sua viúva da

miséria em que ainda vive.

A transferência do Sr. Miguel Silva resultara de acusações entre as quais a principal era a de explorar os índios, o que nunca foi provado. O certo é que com sua transferência o P.I. Felipe Camarão, que sempre tivera roças e atendera aos índios, caiu ao abandono, os moradores mudaram e nenhum outro encarregado conseguiu manter-se lá. Deste velho servidor do SPI os índios Urubu, Tembé e Timbira fazem as melhores referências, todos lamentam a sua morte como a do melhor amigo que tiveram, o mais honesto e mais trabalhador. Seu filho, Miguel Silva Filho, ex-auxiliar de sertão que goza de quase igual prestígio, foi demitido logo após a morte do pai, acusado de sublevar os índios contra o Inspetor Raimundo Nonato Miranda.

.....

Quando chegamos ao Gurupi lá se encontravam três dos quatro únicos agentes com que conta a I.R.2. Poderia até levar-nos a pensar que, consciente da complexidade do seu trabalho naquela área, do fracasso de suas tentativas de assistir aos índios, o SPI concentrara ali todo aquele pessoal e mais um inspetor e dois auxiliares de sertão para fazerem frente ao crucial problema. Mas não se tratava disto; um agente se encontrava numa pequena aldeia sem qualquer recurso, na barranca do rio, distante uma semana de viagem dos postos; ali está há dois anos em tratamento de saúde (*sic*). Dois outros estavam no posto Pedro Dantas, um recentemente encarregado de trabalhos especiais pelo Chefe da Inspeção, o outro se fixara lá um ano antes por não poder ou querer manter-se no P.I. Felipe Camarão, do qual fora encarregado, e espera, desde então, ordens da Chefia. O mesmo ocorria com os dois auxiliares

de sertão, ambos no P.I. Pedro Dantas. Quanto ao inspetor encarregado da região, este tem sede em Belém, somente aparecendo uma vez ou duas por ano para os pagamentos ... quando há verba para pagar suas próprias diárias de viagem. O posto conta ainda com sete trabalhadores, quase todos civilizados. Quando saímos algumas mudanças se tinham efetuado: um dos agentes do P.I. Pedro Dantas tinha sido transferido, o posto fora entregue a um auxiliar de sertão (aliás muito competente) e o outro agente continuava aguardando ordens; além disto os trabalhadores foram reduzidos de sete para três homens, redução comunicada em abril, mas com efeito retroativo até janeiro.

.....

Em todos estes anos de atividades, provavelmente cheios de idéias de progresso, os postos foram juntando uma maquinaria que hoje constitui verdadeiro cemitério. No P.I. Pedro Dantas e no Felipe Camarão encontram-se engenhos e fornos para rapadura, uma ótima caldeira pronta para movimentar uma pequena serraria, maquinaria de fazer farinha de mandioca, toda uma instalação de olaria, máquinas de fubá e até limpadores de arroz, e ainda um descaroador de algodão. Nunca foram utilizados. O descaroador acabou sem ser montado; com a maquinaria de arroz está acontecendo o mesmo; para a construção da escola do posto foram adquiridas fora as telhas; os tijolos, fabricados na olaria, foram utilizados sem queimar; como serviram de alicerce à casa da escola, ela está assentada sobre um monte de barro. Os responsáveis pelo posto têm muitas explicações para esta situação, mas o fato é que a maquinaria constitui um cemitério inútil, as agrícolas porque não se faz roças com que aproveitá-las, as outras por motivos

semelhantes. E aquele posto custava ao SPI, somente em salários, quando lá chegamos, perto de 150 contos anuais.

.....

Não acreditamos que qualquer servidor do SPI tenha culpa desta situação; ela é fruto de todo um sistema errado, da falta de planos que definam objetivos e tarefas, orientando o trabalho de cada servidor e permitindo o controle de suas atividades. Nada existe neste sentido; o pessoal - como o de todo o SPI - foi recrutado ao acaso e nunca se procurou elevar o seu nível, criando uma consciência profissional e nem mesmo o simples conhecimento das finalidades de seu trabalho.

Quando se tratava da pacificação todos sabiam bem o que se esperava deles, cada um esforçava-se como podia e o objetivo foi alcançado. Mas depois de obtido o convívio pacífico com o índio, que fazer dele? Meter-se a ensinar-lhe como plantar, quando eles tinham roças maiores e melhores que as do posto? Ensiná-lo a vestir-se? Mas, como dar-lhes roupas quando aprendessem a usá-las? Aliás, nisto foram eficientes. Os índios Urubu, [ao] menos suas mulheres, se afeiçoaram a nossos panos; por amor deles, deixaram de fabricar as suas próprias tangas e hoje vivem maltrapilhas e imundas, porque o SPI também não tem panos para distribuir a todas elas. Como ocorre com os tecidos, outros artigos de nosso mercado se tornaram indispensáveis aos índios, tais são o sal, as ferramentas, adornos de contas, medicamentos e poucos mais. Porém, o posto não tem como satisfazer estas necessidades que ele próprio criou, nem procura desenvolver um sistema de trocas. O resultado é que as aldeias começam a ser invadidas por estranhos, sobretudo as mais próximas da zona de mineração. São comerciantes que vão trocar

aqueles artigos e mais aguardente e maconha por artefatos, por farinha e por favores femininos.

É sabido que o mesmo se vem dando com muitas outras tribos; o preço da satisfação das novas necessidades que criamos nos índios é sua submissão final ao nosso sistema de produção. E isto significa quase sempre, sobretudo na Amazônia, a escravização do índio, sua sujeição debaixo das condições mais escorchantes aos regatões, com a desintegração da vida tribal, a desmoralização e o desaparecimento.

Os Urubu dão os primeiros passos nesta estrada, os Tembé e Timbira já a palmilharam toda, dão os últimos. E o SPI, que assiste à extinção dos últimos Tembé e Timbira, que fará para salvar os Urubu?

É crível que depois de os atrairmos, de nos espantarmos e nos entusiasmos por seu vigor extraordinário, quando dos primeiros contatos, depois de distribuir lauréis aos pacificadores, nada façamos para salvá-los da extinção?

É necessário ao menos firmar um critério a este respeito. Continuar agindo como se fez até agora é optar pelo desaparecimento do índio com toda a coorte de misérias e horrores por que passaram os Timbira, os Tembé e tantos outros. Na verdade os Urubu são assistidos hoje pelo mesmo sistema com que se assistiu aos Tembé desde 1910 e que não foi capaz de sustar sua decadência e sua extinção. E em que consiste este sistema?

Os nossos servidores ficam nos postos para onde procuram atrair os índios; aí os juntam em magotes nas piores condições sanitárias e em contato com portadores de todas as moléstias. Seleccionam alguns dentre eles e pagam para fazer, junto com elementos "civilizados" (pagos ao dobro) uma roça ou pequenos consertos. Mas isto só funciona sob

um ambiente paternal; o encarregado, dito pai pequeno ou capitão tal, abençoa diariamente aos pupilos e lhes dá em troca do trabalho que prestam algumas roupas velhas e até uma calça ou uma camisa nova. As crianças vão à escola onde uma professora lhes repete, de vez em quando, lições em português que eles geralmente não compreendem. Como estas escolas servem também aos filhos de trabalhadores que falam bem o português, em breve os indiozinhos [...] sabendo que eles são estúpidos demais para aprender, pois os seus colegas brancos e negros não sabem ler, escrever e contar?

Um índio, criticando um servidor, me disse: “ele está aí para fazer roça e não faz”. É uma observação arguta; realmente o SPI parece ter naqueles postos a finalidade de fazer uma roça cada ano. Para isto tem diaristas pagos e recebe semente e outras ajudas da Inspetoria, podendo ainda contar com o auxílio de alguns índios em troca de sabão, do sal, do fósforo e outras coisas que recebe para este fim. Mas, pergunta-se: de quem é esta roça? qual é o seu fim? Certamente o encarregado e os funcionários mais graduados têm direito a usar de seus produtos, mas os trabalhadores, terão? E os índios? Aí está a questão, mas sempre se responde negativamente às últimas perguntas. Então o produto das roças passa a servir aos primeiros, as sobras são vendidas para os trabalhadores e aos índios e alguma coisa é dada aos velhos e doentes incuráveis.

Como, entretanto, a colheita é sempre pequena demais, o encarregado encontra outra função, compra a crédito dos negociantes mais próximos alguns gêneros suplementares e outros artigos para fornecer aos trabalhadores. Ao fim do trimestre, ou semestre, quando sai o pagamento dos diaristas, ele desconta os fornecimentos feitos, ou seja, o produto das roças e o estoque comprado

fora. Neste jogo se passam os anos.

É incrível, parece anedótico, mas a realidade é esta, infelizmente. Temos que começar por definir o que seja uma roça do posto e o que, além dela, deve fazer um encarregado. E não há maledicência alguma no procedimento deles, simplesmente ignoram o que lhes cabe fazer.

Os melhores dentre eles estão vivamente preocupados com este problema, vendo os índios desaparecerem sem saber como atendê-los e sem ter meios ou apoio para executar medidas que julgam acertadas.

Vejam, agora, como funcionam aqueles postos em relação às atribuições que lhes competem, de acordo com o Decreto nº 10.652, de 1942.

1) Preservar e conservar a organização interna da tribo.

As tentativas de fixar os índios junto aos postos, nas condições descritas atrás, constituem o melhor método de destruir a organização interna de uma tribo, por desorganizarem seu sistema econômico e com ele o poder político de seus líderes e a unidade de sua organização familiar.

2) Proteger o índio contra a violência e a exploração, garantir a efetividade da posse das terras por eles ocupadas e fiscalizar a entrada de estranhos.

A proteção física do índio tem preocupado vivamente os servidores do SPI naquela região por ser notória a exploração e a ignomínia com que os Tembé são tratados por alguns regatões que, contra ordem expressa do posto, vão às suas aldeias, os retiram à força de suas casas, levando-os para trabalhar em roças, tomam suas mulheres, chegando a viver o mais conhecido deles (Lucas Tavares) com duas mulheres Tembé além de sua esposa cristã. E os nossos servidores, freados não sei por que invisíveis peias, nada fazem e os próprios índios não se podem livrar desta tirania por temerem seus algozes e dependerem deles para obter,

por troca, o sal, os panos, remédios, ferramentas e outros produtos de que necessitam, já que o Serviço nunca os procurou para isto.

Quanto aos Urubu, sua bonomia e hospitalidade têm dado lugar a inúmeras visitas, uma das quais por parte de uma equipe cinematográfica que os filmou sob a concepção tão estadunidense, estilo *Far West*, de índios como uns sanguinários ladrões de mulheres brancas que são derrotados à bala por algum herói branco. É incrível que esta equipe tenha obtido autorização, sem um exame do seu *script*, pois seu filme é bem o oposto da concepção humanitária que fez mundialmente célebre ao General Rondon e que o SPI procura divulgar entre nosso povo.

Esta hospitalidade tem servido também a outros; é o caso de vizinhos que juntam-se em grupos para subir os igarapés onde moram os índios, para caçadas e pescarias, entrando em contato com eles para comerciar aguardente e até maconha. A este propósito é preciso frisar que os Urubu apenas começam a conhecer nossa aguardente e não consomem a maconha que é já um elemento quase indispensável no “rancho” dos caboclos do Gurupi, dos Tembê e dos Timbira.

3) Zelar pelo material do Serviço.

Nós já tratamos disto e também de sua utilização.

4) Manter escolas e dar ensinamentos úteis.

O P.I. Pedro Dantas, que deve assistir aos índios Urubu, tem uma escola onde o aproveitamento das crianças índias é quase nulo... Nenhuma criança Urubu, naturalmente, estuda ali, o que é uma felicidade, pois o contrário seria um desastre. Educar é preparar a criança para a vida que ela vai viver, adestrá-la para as funções e papéis que será chamada a exercer. O que a escola pode fazer, embora duvidemos, é alfabetizar e não me parece de qualquer utilidade para os

Urubu esta aptidão, ainda mais porque, para obtê-la, a criança deixaria de adestrar-se nas técnicas tribais de subsistência e nos padrões de comportamento do grupo, estas sim, indispensáveis à sua vida. Veja-se o caso de dois rapazes Urubu tirados do convívio de sua tribo quando crianças: hoje são completamente desajustados, os índios os consideram “cristãos” e os cristãos os tratam como “índios”, eles próprios oscilam entre uns e outros, sem poder fixar-se; um foi arrastado à pederastia, o outro, se não gozar sempre da simpatia e ajuda que seus protetores lhe têm dado, se tornará vítima de sua marginalidade e será outro desajustado.

PERSPECTIVAS

O balanço das atividades do SPI no rio Gurupi, junto aos Tembé e Timbira, através de quarenta anos de atividades, nos apresenta esse resultado: os índios desaparecem dizimados pelas doenças, pelos vícios e pela exploração, conseqüentes do contato com os brancos, não obstante toda a organização que o SPI manteve ali com dispêndios de enormes energias e à custa de muitos recursos. Nem se pode dizer que se acaboclam, como pregava o SPI, “integrados na população rural brasileira”. Morreram. Entretanto, uma das maiores glórias de que se orgulha o SPI, conquistou-a ali, com a pacificação dos Urubu que, todavia, têm diante de si, hoje, a mesma perspectiva sombria das outras tribos da região, se não forem tomadas providências urgentes.

A epidemia de sarampo que no corrente ano fez tantas vítimas entre os índios da região desvendou estas condições, pondo a descoberto toda a precariedade da assistência do SPI àqueles índios. A doença foi levada às

aldeias urubu e delas às outras populações do rio devido à falta de controle, de vigilância e de assistência por parte dos postos, pois seus portadores foram alguns índios que tinham saído de suas aldeias para Belém, onde iam pedir ferramentas e panos. Ora, esta não era a primeira visita desta ordem que a I.R.2 recebia e se sabe que a maior parte do auxílio dado aos índios Urubu nos dois últimos anos foi gasto em Bragança e Belém, isto é, socorrendo os índios que saíam de suas aldeias para buscá-lo.

Depois de grassar a epidemia, a única medida que os postos podiam tomar era isolar as aldeias umas das outras, aconselhar aos índios que permanecessem nas casas (o que conseguimos enquanto ficamos junto deles) e assisti-los ali com medicamentos e alimentos.

Nada disto podia ser feito, primeiro porque os funcionários nunca tinham ido às aldeias, alguns deles conheceram uma ou duas de passagem, quando faziam um transporte de gado; nunca haviam se abalado para ver as condições de vida dos índios que lhes cabia assistir. Além disto o posto não tinha medicamentos e não recebeu quase nenhum depois de pedir socorro à Inspetoria e, ainda, não tinha roças; portanto, era impossível atender aos índios com alimentos. E devido ao caráter epidêmico da moléstia que abatia todos os moradores de cada aldeia, este era o primeiro problema; muita gente morreu foi de inanição, à mingua de alimentos, de fome.

Isto é verdadeiro também para os Tembê e Timbira mortos no próprio posto (30) que era onde a penúria de alimentos chegou a maior grau. Ali também as condições sanitárias eram precaríssimas. Inicialmente é preciso dizer que este posto, com sua bela casa de escola e de encarregado, não tem uma casa para receber os índios que o procuram. Até que abrissemos a escola para abrigá-los, ficavam em

tapiris que eles próprios improvisavam do outro lado do rio e os ranchos em que os doentes foram recolhidos eram incomparavelmente piores que aqueles em que os índios moram comumente.

A situação dos Tembé e Timbira era ainda mais dolorosa, porque são sempre preteridos em favor dos Urubu que ainda guardam um pouco do prestígio de índios bravios e às vezes sabem fazer-se respeitar. Os primeiros são tidos mesmo como intrusos no posto dos Urubu. Quando o Sr. Miguel Silva vivia no P.I. Felipe Camarão, eles se sentiam lá como em casa; aí eram também recebidos os Urubu, mas era o posto deles, onde tinham suas roças e casas. Abandonado o posto, ficaram ao léu, considerados por isto como vagabundos indisciplinados e indesejáveis, arranjando-se com seus próprios recursos quando se recolhiam ao posto à procura de remédios para a epidemia.

Nossa assistência aos índios quando da epidemia consistiu em abrir-lhes a farmácia de emergência que havíamos levado e os alimentos que podíamos adquirir. O posto não tinha recursos com que enfrentar a situação, mas devemos consignar a ajuda relevante que tivemos por parte de um trabalhador negro, chamado Chico Ourives, que com suas beberagens dava aos índios ao menos um certo alívio psicológico; a ilusão de que eram atendidos.

Os efeitos da epidemia de sarampo, com a coorte de pragas que sempre arrasta consigo, foram terríveis. Somente nas aldeias que percorremos o número de mortes foi de, aproximadamente, cinqüenta; no posto Pedro Dantas, morreram trinta pessoas, principalmente índios Tembé e Timbira; avaliamos o número de índios Urubu mortos em 150, ou seja, mais de 20% da população.

E já que o SPI não estava armado para enfrentar esta situação, ela agora nos deve servir de

advertência para que não se repita. Todo o quadro que procuramos traçar realisticamente da situação de vida dos índios do Gurupí é um clamor por novos rumos. Bem sabemos que tal não se dá apenas naquela região, em todo o Brasil muitas tribos se estiolam como as do Gurupí sob as vistas do SPI. Em muitas outras Inspetorias, por certo, ocorre a mesma falta de orientação, de rumo, de simples noção básica do que seja ou deva ser o SPI. E há também experiências positivas que precisam ser estudadas e difundidas, não só do nosso Serviço como de congêneres, em outros países, que estão enfrentando situações semelhantes.

Mais uma vez queremos repetir que urge uma tomada de consciência por parte dos responsáveis pelo SPI. Ao lado de soluções magníficas, temos orientações das mais erradas e prejudiciais; ou se faz um balanço crítico destas experiências, traçando, à base delas, um programa de trabalho, ou se continua na improvisação, dispersando energias e recursos preciosos, sem qualquer proveito para os índios.

Na região de que tratamos tudo está por fazer e, se o SPI não tomar providências, em breve não restará um só índio ali, todos terão morrido e eles podem, ainda, ser salvos, sobretudo os Urubu que conservam quase intato seu patrimônio cultural, continuam bem integrados e, assim que se refaçam das privações e perdas que sofreram com a epidemia, retornarão à vida normal. Eles têm uma economia sã e auto-suficiente, não dependem de nossa intervenção; neste campo ela só poderia ser prejudicial, mas têm necessidades novas que precisamos atender para que não sejam satisfeitas por outros caminhos.

É necessário, pois, prover o posto com o indispensável para distribuir-lhes medicamentos contra gripe,

infecções intestinais, pneumonia e as doenças mais comuns, preparar o encarregado para este mister e fazê-lo visitar as aldeias com este objetivo. Organizar um almoxarifado com fazendas, sal e ferramentas para trocar com eles, ainda que com prejuízo, por produtos naturais que eles podem obter sem desorganizarem sua economia, nem abandonarem sua vida tribal. É necessário, ainda, manter a máxima vigilância para impedir a entrada de estranhos, a qualquer propósito, em suas terras... E acabar com os esforços de transferi-los para as terras que lhes foram prometidas no Pará.

Atualmente eles ocupam uma enorme região na mata maranhense, que vai do Gurupi ao Turiaçu e ao Pindaré, zona deserta onde não são incomodados por ninguém. A favor da mudança argumentaram que, no Pará, seria mais fácil legalizar-lhes as terras e, ainda, que ali existe mais caça e é possível o transporte, por terra, diretamente para Belém, através de uma estrada a ser aberta. Quanto à primeira alegação, cremos ser igualmente difícil legalizar-lhes as terras no Maranhão, mesmo porque a Constituição lhes assegura é a posse das terras que ocupam e, desde há cem anos, quando começaram a deslocar-se do Pará, ocupam estas em que se encontram agora. Como as matas do lado paraense não são ocupadas é claro que a caça ali se encontra mais facilmente, porém, assim que os Urubu passassem a viver ali, ela se tornaria igualmente escassa. O transporte direto a Belém só lhes traria dano, pois ficariam mais acessíveis a contatos indesejáveis.

A função do posto Pedro Dantas como responsável pela assistência aos Urubu seria, pois, a de atender suas necessidades, procurando fazê-los pagar o que recebessem, para não aumentar o espírito de “tudo esperar do governo” que já se alastra também entre eles. Esta assistência deve ser sobretudo de medicamentos e no sentido

de impedir a perturbação de sua vida tribal.

Quanto aos Tembé e Timbira o que cabe ao SPI é o mesmo que junto aos grupos já em avançada aculturação, que perderam o equilíbrio do seu sistema adaptativo, sendo incapazes de prover satisfatoriamente a sua subsistência. Cabe ao Serviço organizar sua economia, de modo a permitir-lhes um padrão de vida mais alto. Isto se deve fazer pelo estudo das possibilidades de produção que eles oferecem, utilizando a maquinaria que o posto Pedro Dantas tem encostada. Aqui se justifica a intervenção porque o índio já é incapaz de organizar sozinho um novo sistema adaptativo que proporcione a satisfação de suas necessidades.

Sua economia tinha por base a família extensa que englobava um grande número de indivíduos inter-relacionados por parentesco e por casamento, num só grupo local. Era uma unidade cooperativa através da qual faziam suas roças, organizavam os grupos de caça e coleta e, ainda, defendia seus membros da exploração em suas relações com os civilizados. A destruição e o fracionamento dessa unidade em pequenas famílias conjugais, inadaptadas para um trabalho cooperativo, tornou o índio ainda mais dependente da economia civilizada do vale que só lhe pode oferecer as posições mais baixas, levando-os a um padrão de vida desesperador.

A solução hoje é concentrar num local adequado aqueles que o desejem, orientados por autoridades que lhes mereçam respeito, e iniciar uma empresa de produção coletiva, venda e distribuição do produto, proporcionalmente à contribuição de cada índio.

Será trabalho difícil que só atrairá aos índios depois de demonstrar resultados positivos. As terras do Gurupi se prestam otimamente à produção de cana de açúcar, arroz,

feijão e mandioca, para cujo desdobramento o posto tem máquinas; pode ser tentada também a plantação da pimenta do reino e outras culturas mais adiantadas e rendosas como café e cacau, para todas elas existe um amplo mercado.

Porém, temendo a mania de máquinas que fez com que um alto funcionário da região, falando deste assunto conosco, propusesse iniciar pela compra de um navio que levasse logo a produção a Belém, queremos frisar um truísmo: estas atividades devem começar modestamente, só ampliando à medida que se mostrarem economicamente proveitosas.

Destas medidas de ordem econômica decorrerão muitas outras que terão de ser tomadas mais tarde; porém, levantando o padrão de vida do índio, livrando-o da subnutrição e das doenças, já se faz a metade de sua emancipação. Enquanto a realização de um plano desta ordem não for possível é necessário, ao menos, tomar certas medidas simples, como as seguintes:

- 1) Providenciar imediatamente junto ao Serviço de Saúde Pública a vacinação dos índios do Gurupi (e de todos os demais) contra as moléstias que se possa evitar por este processo e que não tardarão a atacá-los, principalmente a varíola.

- 2) Manter sempre suprida uma farmácia com um mínimo de uns trinta produtos dos mais necessários, em cada um dos postos.

- 3) Fixar junto dos postos a sede do inspetor para que os índios tenham efetivamente a sua assistência.

- 4) Determinar que os assalariados dos postos sejam preferivelmente índios (Tembé e Timbira) quando não se tratar de trabalho especializado, para que usufruam ao menos desta renda já que nenhuma assistência lhes é prestada.

- 5) Manter a mais estrita vigilância para evitar a entrada

de estranhos nas aldeias urubu.

6) Como medida de moralização e de salvação dos índios Tembé, livrá-los dos regatões, fazendo o próprio Serviço duas viagens anuais às suas aldeias para as trocas de seus produtos pelos artigos de que necessitem.

7) Construir no P.I. Pedro Dantas um amplo barracão onde os índios Urubu em visita possam ser hospedados.

AGRADECIMENTOS

Quero consignar aqui minha gratidão àqueles que mais diretamente contribuíram para o bom êxito de minha missão.

Sou particularmente devedor ao Sr. João Carvalho, auxiliar de sertão, encarregado do P.I. Pedro Dantas que me acompanhou nos últimos meses de viagem, servindo-me de intérprete junto aos índios e esforçando-se sempre, incansavelmente, para o bom êxito dos trabalhos.

E à D. Leudi Rachid Carvalho, esposa do Sr. João Carvalho, que me hospedou durante a minha permanência no posto, não poupando esforços para tornar mais confortável minha estadia.

O Sr. Rosemiro Noronha, auxiliar de sertão no referido posto, que me serviu sempre com a maior boa vontade e dedicação, se fez credor de minha gratidão.

Aos outros funcionários do SPI naquela região, Srs. Raimundo Nonato Miranda e Malheiro Mota, bem como aos diaristas devo agradecer muitas atenções e gentilezas que me facilitaram o trabalho.

Ao Chefe da I.R.2, Dr. Eurico de Melo Cardoso Fernandes, sou também agradecido pela presteza com que sempre procurou transmitir minha correspondência do Rio e pela hospitalidade com que me recebeu em Belém, quando regressava.

Ao último índio Timbira (Krê-yê), André, meu reconhecimento pela bondade com que me ensinou sobre os costumes e as crenças de sua gente.

Finalmente, o meu reconhecimento ao Cap. Anakanpukú, e com ele a tantos outros índios Urubu, que sempre me receberam com bondade e simpatia, dividindo comigo sua alimentação, acomodando-me em suas casas e, sobretudo, iniciando-me em sua cultura.

BIBLIOGRAFIA

- DODT, Gustavo. *Descrição dos rios Parnahyba e Gurupy*. São Paulo : Comp.Ed. Nacional, 1939. 233 p. (Biblioteca pedagógica brasileira, Ser. 5, Brasiliana, 138)
- HURLEY, Jorge. *Nos sertões do Gurupy*. Belém : Of. Graf. Lauro Sodré, 1928. 70 p. il.
- LEITE, Serafim, S.J. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro : INL, 1943. v. 3.
- LISBÔA, Miguel Arrojado. A bacia do Gurupy e suas Minas de Ouro. *Bol. Dep. Nac. Prod. Mineral*, Rio de Janeiro, n. 7, 61 p. 1935. mapa.
- LOPES, Raymundo. Os Tupis do Gurupy: ensaio comparativo. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS, 25, 1932, La Plata. *Actas y trabajos científicos*. Buenos Aires, 1934. v. 1, p. 139-171. il. fig. 3. mapas.
- MOURA, Pedro de. Rio Gurupy. *Bol. Serv. Geol. e Mineralógico*, Rio de Janeiro, n. 78, 66 p. 1936. foto, mapa.
- PAIVA, Glycon de, SOUZA, Henrique Capper Alves de, ABREU, Fróes. Ouro e bauxita na região do Gurupy (Pará e Maranhão). *Bol. Dep. Nac. Prod. Mineral*, Rio de Janeiro, n. 13, 1937.
- WAGLEY, Charles, GALVÃO, Eduardo. *The Tenetehara indians of Brazil: a culture in transition*. New York : Columbia University Press, 1949. 199 p. il.







Fotos: páginas 39, 40 e 41

URUBU - KAAPOR.

Localização: Rio Gurupi

Estado: Maranhão

Data: 1949 - 1950

Fotógrafo: Heinz Foerthmann / Darcy Ribeiro.

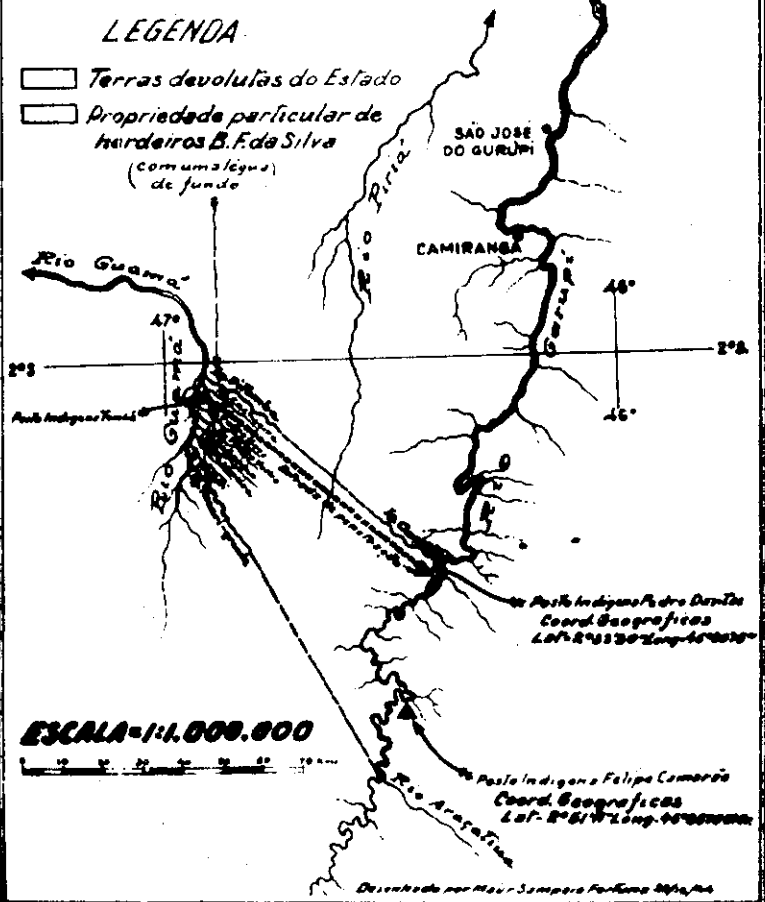
Acervo: Museu do Índio

Ministerio da Agricultura •
 "S.P.I." 2ª Inspecção Regional
 Administração: José Maria Malcher
 Reserva para localização dos Índios
TEMBÉS-TIMBIRAS-URUBÚS-GUAJÁS

31

LEGENDA

- Terras devolutas do Estado
- Propriedade particular de herdeiros B. Fda Silva (com uma légua) de fundo



Fundo SPI - Filme 98, fotograma 1269 - Serviço de arquivos do Museu do Índio